

POEMAS EM FORMA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Daniel Abrão (UEMS)

danielabrao7@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

A literatura do século XXI busca investigar a sua relação com a produção material e subjetiva do presente. Curiosamente, as histórias em quadrinhos cruzam a linha entre a alta cultura e a cultura de massa. Elas foram se desenvolvendo, simultaneamente e em igual medida, ao largo e no interior das produções das outras artes, desde obras e personagens criados para o mundo infantil até a citação e o trabalho produzido com o cânone literário e filosófico dos mundos ocidental e oriental. Os quadrinhos permitem uma ampla leitura de estilos e perspectivas, encontrando leitores diferenciados, que podem relacionar os quadrinhos à prática didático-pedagógica, à literatura em suas mais variadas expressões, ao cinema, à filosofia, à política ou às artes em geral. A “poesia em quadrinhos” será apresentada como uma das possíveis formas de atualização do gênero e de renovação das expressões, apontando para uma renovação da leitura e da formação de leitores.

Palavras-chave: Poesia. Histórias em quadrinhos. HQs. Cultura de massa.

1. Introdução

A literatura do século XXI possui uma relação muito íntima entre a produção material e subjetiva do tempo presente. As chamadas histórias em quadrinhos estão cruzando cada vez mais a linha entre a alta cultura letrada e o *mas media*, nas produções das outras artes, amalhando desde obras e personagens criados para o

mundo infantil, até a citação e trabalho produtivo com o cânone literário e filosófico dos mundos ocidental e oriental.

A totalidade das publicações em quadrinhos hoje permite uma ampla leitura de estilos e perspectivas, encontrando leitores diferenciados, que podem relacionar os quadrinhos à prática didático-pedagógica, à literatura em suas mais variadas expressões, ao cinema, à filosofia, à política ou às artes em geral.

A poesia, no formato de histórias em quadrinhos, é vista como uma das possíveis formas de atualização do gênero, de renovação das expressões, e aponta para uma renovação de leitura e formação de leitores.

Das variadas possibilidades da associação poesia *versus* quadrinhos, escolhemos para foco principal deste artigo aquela que une palavra e imagem de forma intrínseca, conectadas por uma relação de interdependência que torna o produto final algo ao mesmo tempo fora e dentro da tradição evolutiva de cada gênero considerado em separado.

2. Os quadrinhos e o leitor contemporâneo

A literatura, da forma como tem sido tratada pela escola, não tem sido vista mais pelos jovens como elemento de mediação entre o sujeito e o mundo. São relevantes os números que indicam tanto a queda quanto o confinamento destas obras à academia. Não se trata, entretanto, de destacar os limites do literário em si, visto que a formação de leitores abrange uma gama variada de estilos a serem trabalhados e assimilados, mas sim destacar os limites do trabalho com a literatura, realizado tanto pela escola quanto pela sociedade. Estes limites são impostos por um tratamento padronizado e canônico do literário, considerando com parte integrante de uma formação moral e cívica, eivada do espírito nacionalista da ordem e da representação estereotipada da identidade nacional. Tais limites, portanto, ficaram evidentes a um público jovem, tanto quanto ficou evidente a redução do poder de transgressão destas imagens criadas das obras literárias, que também se constituíram

para os jovens como textos funcionais para o estudo técnico da linguagem.

Sugerimos aqui, neste sentido, que a renovação da literatura, tanto quanto para olhar e a leitura que se faz dela, dependem não só da renovação e evolução da teoria no Brasil, mas também do trabalho intenso de divulgação e educação literária. É preciso pensar a criação de políticas de leitura que deem acesso às massas ao arcabouço cultural que a história nos legou, como também dependem da criação de novos objetos estéticos que despertem na crítica o distanciamento dos critérios impostos ao literário, já que tais critérios parte e retornam ao cânone crítico e artístico.

O imaginário contemporâneo é mediado pela tecnologia e vem atravessado com novas relações sociais que reconfiguraram o humano, tornando a identidade e a expectativa dos sentimentos diferentes através de outros códigos e valores. As formas expressivas do imaginário mudaram, e estão hoje ocupadas pelo cinema, a TV, as redes sociais, o computador etc.

Utilizando a imagem, os quadrinhos passam a atingir e seduzir o leitor dentro de parâmetros ainda incorporados pelos valores da crítica canônica. A realidade da leitura dos quadrinhos representa a soma de experiências – produtivas ou não – tanto das vanguardas quanto da cultura massificada, abrindo caminhos para um leitor descomprometido com as idealidades reproduzidas pela escola; idealidades estas que tem no Estado e no mercado as grandes diretrizes materiais e culturais de sua existência.

3. *Poesia em quadrinhos*

Já se tornaram comuns as adaptações entre aportes estéticos diferentes. Da poesia à pintura, do livro ao filme, dos quadrinhos ao cinema, da literatura aos quadrinhos, entre outras inúmeras possibilidades. Em todos os casos, a ação mais comum é a comparação entre os dois objetos artísticos, a partir dos valores hierárquicos do primeiro. Espera-se, no caso, que a segunda obra faça jus a primeira, reproduzindo um grau de expectativas geralmente impu-

tadas à trajetória de recepção de uma obra que se tornou tão relevante (para o artista) ao ponto de ser adaptada. Mas este não é o caso da “poesia em quadrinhos”, pois o gênero, se assim podemos dizer, é autônomo, independente, carrega suas próprias estruturas, suas leis, suas regras internas e se expõe, enquanto gênero, com cada signo atado ao conjunto, cada palavra plenamente conectada a sua forma de expressão, unindo o extrato verbal com as significações não verbais.

No interior das possibilidades das relações interartes, portanto, ganhando aportes extra-verbais de sentido, no diálogo com o cinema, a pintura, o grafite e as variadas técnicas de desenhos e seus suportes materiais, falar em *poema em quadrinhos* é ao mesmo tempo reconhecer esta expressão como fruto de um acabamento progressivo das variadas possibilidades da relação poesia *versus* quadrinhos; isto porque temos obras mistas, entre o ilhamento estético de um gênero consolidado, e obras, digamos, “puras”, que investem na singularidade do produto final, tornando a obra um novo gênero.

Quando falamos em acabamento progressivo, no entanto, não estamos indicando a finitude e a perfeição do objeto estético, mas o fato de que o poema *em quadrinhos* não é poesia pura, nem quadrinhos “puro”, mas um acontecimento entrelaçado de forma e conteúdo, de modo que os signos e a significação estão compostos na interdependência mútua. A técnica dos quadrinhos pressupõe a junção de quadros e da palavra, mas quando esta última é pensada enquanto construção única no conjunto da imagem, todas as escolhas se diferem e ganham em unidade.

Este acontecimento não difere, apesar da singularidade, da trajetória ensaiada pela poesia desde as vanguardas, pois a partir do modernismo a aposta da poesia, cada vez mais, passou a ser na *materialidade* do signo, que intensifica o trabalho com o espaço gráfico, com a imagem e com as relações sensíveis do texto. Duas forças fundamentais abriram este caminho, segundo aqui propomos: o pendor estruturante das vanguardas e o apelo cada vez

maior à imagem no mundo contemporâneo, principalmente com o desenvolvimento das novas tecnologias e da cultura de massa.

Tendo como centro desta reflexão os “poemas em quadrinhos”, em que os gêneros ora se fundem e ora são interdependentes, lembremos aqui uma trajetória descrita por McCloud (1995). O autor nos dá uma boa possibilidade de reflexão sobre a relação poesia *versus* quadrinhos, pois realiza uma minuciosa descrição da relação palavra *versus* imagem. Segundo McCloud:

O quadro-a-quadro dá movimento e materialidade à expressão, imprimindo ilusão narrativa a uma reflexão não raro atemporal e substituindo a linearidade do verbo pela simultaneidade de uma poética da ilustração. As relações texto-imagem podem, no entanto, ocorrer em mais de um nível. (McCLOUD, 1995)

Ao identificar esta relação palavra *versus* imagem, o autor também possibilita refletirmos sobre a relação poema *versus* quadrinhos, já que especifica os variados tipos de relação. Retomamos a análise de McCloud citada por Pereira Junior (2007):

1. Específicas de palavras – Imagem ilustra texto, sem somar informação.
2. Específicas de imagem – Texto só comenta sequência de imagens.
3. Duo-específicos – Palavras e imagens transmitem a mesma mensagem.
4. Aditiva – As palavras ampliam o sentido manifesto da imagem.
5. Paralelas – Não há relação entre texto e imagem. Cada um emite mensagem diferente, sem se fundirem.
6. Montagem – As palavras são a própria imagem.
7. Interdependente – Imagens e palavras emitem ideia que não conseguiriam em separado. (PEREIRA JUNIOR, 2007)

De modo comparativo, estendemos, pois, a análise para a relação poesia *versus* quadrinhos:

- (a) **Específicas de palavras** – Imagem ilustra texto, sem somar ou somando informação: neste caso o texto precede a imagem, que se dirige em visada geralmente realista, procurando retirar das palavras seu imaginário mais consensual.



Figura 1- Poesia de Anita Costa Prado e desenhos de Ronaldo Mendes.⁷

- (b) **Específicas de imagem** – Texto só comenta sequência de imagens: o foco, a grande personagem, é a imagem. O texto tem na objetividade o parâmetro de seu desenvolvimento. É o caso e que a narração fica em perfeita sintonia temporal com a imagem, com pequenas variações não realistas que penetram em paralelo no mundo da poesia.
- (c) **Duo-específicos** – Palavras e imagens transmitem a mesma mensagem: foram compostas em conjunto. Se pensarmos em uma gradação estética de aproximação texto *versus* imagem (quadrinhos *versus* poesia, no caso), esta terceira relação já aponta para a construção de um novo gênero. É o caso da série *O poeta*, do cartunista Laerte. Nos quadrinhos do cartunista, o poeta Fernando Pessoa entoa os versos iniciais de Tabacaria, mas desta vez a voz vem de um homem em seu automóvel, dirigindo no que parece ser a metrópole moderna; mas ao invés da fidelidade ao texto, Laerte escolhe colocar questões/frases próprias, mescladas em no mesmo tom pessoano, mas já aproximadas ao mundo da oralidade

⁷ Disponível em: <<http://expression-nismo.blogspot.com.br/2010/05/blog-post.html>>. Acesso em: 20-07-2013.

dos personagens de Laerte. No quadro geral não temos um “poema em quadrinhos”, no sentido da união estruturante e horizontal entre os gêneros, mas sim a poesia, a literatura, a vida e a idiossincrasias do universo literário, como alavancas temáticas para inserir nos quadrinhos questões/situações típicas do universo intelectual das letras.



Figura 2 – Piratas do Tietê, de Laerte.⁸

⁸ Disponível em: <<http://escamandro.wordpress.com/2013/03/23/poesia-e-quadrinhos-1-de-2-poetas-e-poesia-como-temtica>>. Acesso em: 20-07-2013.

No texto acima há uma livre adaptação do universo pessoal, a partir da alusão aos versos de *Tabacaria*. As crises existenciais, os motes poéticos, as constantes idiossincráticas do poeta português são mescladas ao olhar interpretativo do cartunista, que insere uma tonalidade de humor ácido e dessacralizador, bem como esta inserção atualiza o texto para o presente do leitor, por meio da aproximação da linguagem coloquial e de imagens do cotidiano pueril das cidades. O desenho (a imagem) acompanha a criação do texto, e se comportam como no cinema, em que ângulos/ perspectivas são escolhidas mediante a aplicação à cena. É possível também notar que a relação que se estabelece aqui é da poesia como motor temático dos quadrinhos.

- (d) **Aditiva** – As palavras ampliam o sentido manifesto da imagem: nesta relação o trabalho poético entre em ação com mais força; a realidade se manifesta após a leitura dupla da plasticidade, isto é, a escrita se dirige, designa, alude e intenta traduzir a imagem já inscrita nos quadrinhos, e não exatamente a realidade do ambiente imediato. Neste trabalho o poeta é obrigado a compor em conjunto, de modo a indicar dupla direção da construção dos sentidos.

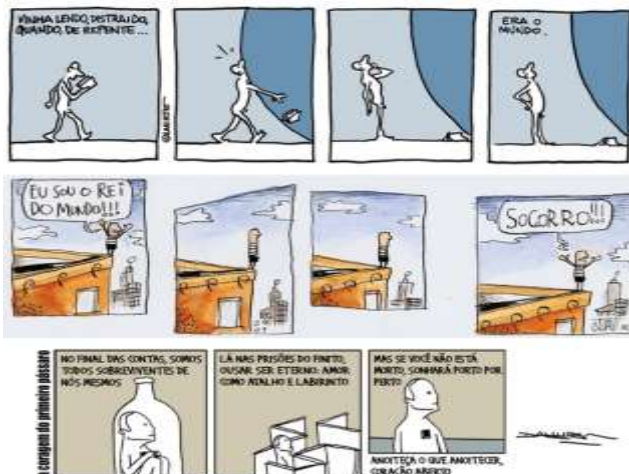


Figura 3 – Respectivamente: Laerte, João, André Dahmer.⁹

⁹ Imagem disponível em: <http://textosparareflexao.blogspot.com/2009/11/poesia-em-quadrinhos.html>
Acesso em 20 de julho de 2013.

- (e) **Paralelas** – Não há relação entre texto e imagem. Cada um emite mensagem diferente, sem se fundirem: temos uma grande variedade neste tipo, pois tanto se pode tratar de um texto de montagem alheia e incapaz de prever minimamente seu efeito estético enquanto da própria construção, quanto elemento aparentemente alheios e em diálogo justamente devido à distância.
- (f) **Montagem** – As palavras são a própria imagem: temos aqui já um trabalho intersemiótico, carregado do aprendizado das vanguardas (lembramos a letra *A de Juan Brossa*) e da estardatização da palavra enquanto forma (som, grafia, imagem) no movimento concretista.
- (g) **Interdependente** – Imagens e palavras emitem ideia que não conseguiriam em separado. O desafio estaria na "interdependência" de McCloud: estabelecer tal diálogo entre imagem e texto que evite redundâncias, uma coincidência entre representante textual e referente figurativo. Sequenciado, o texto-imagem viraria unidade visual: é o poema em quadrinhos, uma junção verbo/imagem estruturalmente imbricadas.

Percebe-se claramente, na relação interdependente, a novidade na composição, tanto no texto quanto nos quadrinhos. Vamos nos deter, a partir de agora, nesta última relação. Em todos os casos para se tornar “poema”, dentro do universo dos quadrinhos, o autor escolheu a proximidade com as reflexões filosóficas, como se a tonalidade da filosofia, aliada à oralidade e à espontaneidade dos registros de oralidade dos quadrinhos publicados em jornal, pudessem criar uma nova dimensão próxima à atmosfera poética. No quadrinho intermediário, *Eu sou o rei do mundo*, o silêncio do segundo e terceiro quadro, é significativo e se encaixa perfeitamente à relação exposta no texto.

4. Palavra e imagens nas vanguardas

A poesia em quadrinhos, na forma de interdependência com anunciamos, é fruto de duas fortes aparentemente antagônicas, mas que foram digeridas para dar origem a um novo gênero, se assim podemos dizer: a força do mercado e a força das vanguardas artísticas do século XX.

No Brasil, como sabemos, as vanguardas artísticas europeias foram enriquecidas pela ótica antropofágica do primeiro mo-

dermismo, e desembocaram no movimento concretista intensificando o uso dos elementos não verbais como componentes significativos importantes das obras. A tradição que reivindicam – os concretistas – vai da poética de Gregório de Matos, Mallarmè e Ezra Pound, indo até E. E. Cummings e João Cabral de Melo Neto, principalmente no tocante ao investimento na materialidade do signo e ao objetivismo da linguagem.

Na mesma direção, mas já fora do universo da alta literatura, a indústria cultural do século XX, apostando cada vez mais na imagem e nas tecnologias que as acompanham, abre caminho para a veiculação cada vez mais intensa dos quadrinhos, que saem da esfera do universo infantil e alcançam um grande público leitor, dentro e fora das escolas. Esta dimensão explora a conexão intrínseca entre palavra e imagem.

Em sua famosa reflexão sobre o trabalho do pintor belga René Magritte (1898-1967), Michel Foucault propôs uma discussão sobre as relações estabelecidas entre a palavra e a imagem. Considerou a existência de dois princípios que teriam reinado sobre a pintura desde o século XV até o XX, um dos quais teria sido “a separação entre representação plástica (que implica a semelhança) e referência linguística (que a exclui)”. Scott McCloud, ao usar os quadrinhos para discutir teoricamente os próprios quadrinhos, aponta para a separação dos caminhos tomados pela imagem e pela palavra, tendo em vista o caráter icônico da primeira em contraposição ao sentido simbólico da segunda. Demonstra, contudo, como procedimentos próprios à linguagem da HQ. (DAFLON, p. 238)

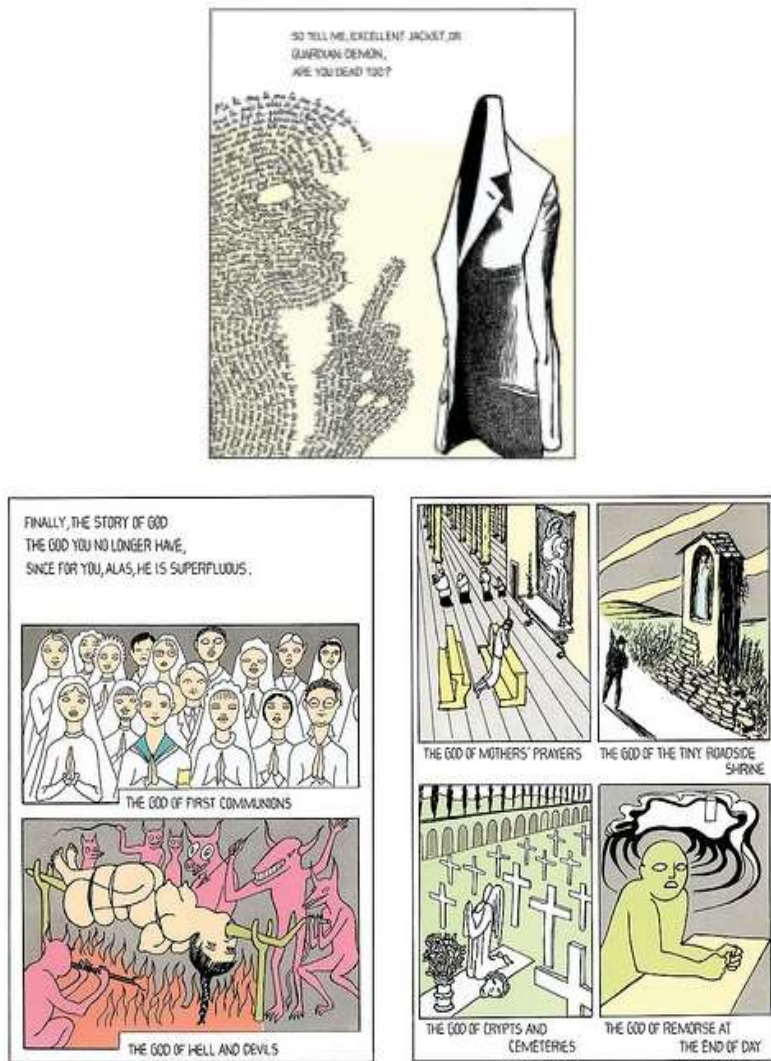
Associando, portanto, a imagem ao texto, as HQs poéticas estão em pleno desenvolvimento estético, aliando experiências abertas para um grande número de possibilidades. Vejamos algumas delas:

Recentemente foi lançado *Poema em quadrinhos*, cujo nome tautológico remonta uma história de sexo, morte, amor e música em versão pop surreal do mito de Orfeu e Eurídice. A história, escrita em 1969 por Dino Buzzati e brilhantemente traduzida para o português por Eduardo Sterzi, conta a ida ao inferno do ídolo de rock Orfi, em busca de sua amada Eura.

Depois de atravessar uma porta qualquer, ele se vê diante de uma réplica de sua cidade, Milão, na qual as pessoas são “transparentes” e nada sentem, prazer, medo, frio, tesão, fome, nada. O que impera é um tédio interminável, um tempo que não passa (em muito semelhante ao clássico romance de Buzzati, *O Deserto dos Tártaros*), uma angústia sem a sensação de angústia. No desenho entre o tosco e o sofisticado do autor, que faz lembrar tanto uma versão crua de Milo Manara quanto as telas metafísicas de De Chirico, as mulheres estão sempre nuas, em posições de volúpia inútil, à espera de alguma coisa que as desperte daquela modorra infinita. (COSTA, 2013)

Na obra fica evidente a associação desde a origem entre texto e imagem, pois notamos que a concepção da adaptação feita por Buzatti já contava com o apelo do desenho, das sequencias, das formas expressas, como componentes de um todo significativo inseparável.





170

171

Figura 4 – Poema em quadrinhos, de Dino Buzzati.¹⁰

¹⁰ Disponível em: <<http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/blog/2010/12/09/poema-em-quadrinhos>>. Acesso em: 20-07-2013.

Apesar da composição em conjunto, com efeito, podemos inferir que a técnica usada foi a de apoiar a construção da imagem à narrativa anteriormente pensada, isto é, nota-se que os desenhos ilustram as cenas segundo uma ótica particular conduzida pelo autor.

Merece atenção os poemas de “meme”. Os quadrinhos iniciados em 2012 nos Estados Unidos passaram para o Brasil por meio das redes sociais e contam com uma realização interativa entre o público. Como pode ser visto nos exemplos abaixo, há uma mistura entre linguagem da poesia (inclusive da tradição poesia imagem) e a linguagem jornalística, incluindo aqui a charge e as “tiras” diárias da seção de humor. Também a personagem inaugura as seções “agora um poema”, mote inicial em que vários textos são escritos a partir do lance inicial de palavras. Diferentemente de uma exposição “solta”, no entanto, as tiras de “meme”, em alguns casos, são articuladas entre quadros precisos com textos/partes que dialogam com um todo de maneira plurissignificativa:



Figura 6¹¹

¹¹ Disponível em: <<http://youpix.com.br/memepedia/meme-agora-um-poema-sai-do-harry-potter-direto-pra-sua-timeline>>. Acesso em: 20-07-2013.

Figura 7¹²

A leitura, no poema da figura 6 pode ser feita em varas direções, cada uma delas estabelecendo uma conexão de sentido. O procedimento é adaptação de algo muito utilizado no universo de palavras, já tendo Haroldo de Campo destacado a prática em Gregório de Matos Guerra, poeta a quem atribui uma linhagem horizontal sincrônica alinhada com os princípios verbicovisuais do concretismo, expostos nos poemas de Augusto de Campos e Décio Pignatari:

¹² Disponível em: <<http://youpix.com.br/memepedia/meme-agora-um-poema-sai-do-harry-potter-direto-para-sua-timeline>>. Acesso em: 20-07-2013.

se
nasce
morre nasce
morre nasce morre
renasce remorre renasce
remorre renasce
remorre
re
re
desnasce
desmorre desnasce
desmorre desnasce desmorre
nascemorrenasce
morrenasce
morre
se

Augusto de Campos

beba coca cola
babe cola
beba coca
babe cola caco
caco
cola
c l o a c a

Décio Pignatari

Como nos poemas de “meme”, os poemas exploram a variação de leitura em suas múltiplas sugestões e caminhos possíveis de significação, o que abre a obra para indeterminações produtivas que, dentro da totalidade previsível dos poemas, introduzem o imprevisto e reafirmam a posição participativa do leitor nos processos de significação. Apesar na nítida constatação de que em “meme” os textos são rasos do ponto de vista técnico da poesia, constatamos que é no jogo com a imagem que o todo se amplia, bem como o espaço de circulação interativo introduz o leitor em um universo de uso entrelaçado entre palavra e imagem.

Não é estranha a ocorrência, se pensarmos no uso de estratégias de composição concretistas pela arte pop, já que no auge do movimento tanto Haroldo e Augusto de Campos como Décio Pignatari já haviam escrito sobre as possibilidades linguísticas extraliterárias do domínio técnico da palavra, indicando o uso destes procedimentos, inclusive pela publicidade. Como afirma Claudete Daflon:

Se a história do desenvolvimento da HQ constitui exemplo importante de como, na esfera da comunicação de massa, processou-se a experimentação com palavras e imagens, a consideração negativa acerca dos quadrinhos, enquanto produto massificado, é confrontada por trabalhos de artistas que dialogam com sua estética. Além disso, reflexões como a de Will Eisner (1917-2005), ao propor a designação *Arte Sequencial*, delinea outro horizonte valorativo para os quadrinhos: “A premissa deste livro é de que, por sua natureza especial, a Arte Sequencial merece ser levada a sério pelo crítico e pelo profissional. O rápido avanço da tecnologia gráfica e o surgimento de uma era muito dependente da comunicação visual tornam isso inevitável.” (DAFLON, 2012, p. 238)

No domínio da técnica, inclusive, podemos entrever a relação entre poesia e quadrinhos do ponto de vista estrutural/estruturante, notadamente considerando os conceitos de *significação e vazio de significação*, presente nos dois meios. Segundo Rafael Soares Duarte:

Primeiramente analisando a ideia do vazio como criador de conexão, é possível partir da definição de histórias em quadrinhos de Scott McCloud: “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador”, através da qual se pode desviar a prioridade de entendimento sobre a especificidade da história em quadrinhos das partes que a constituem (como é normalmente considerada) para a maneira como estas se organizam. Neste sentido a história em quadrinhos é um meio através do qual é possível construir textualidades, narrativas ou não, que fazem uso da justaposição de painéis (quadrinhos), com desenhos, textos ou ambos na construção de sequências que constroem seus significados a partir de sua disposição espacial. Conjuntamente à justaposição dos painéis intersemióticos, McCloud compreende o funcionamento das histórias em quadrinhos a partir do processo que denomina *conclusão*: a relação constitutiva criada entre duas ideias distintas *separadas por um vazio textual*. Esse vazio é denominado “sarjeta” nas histórias em quadrinhos e indica que a orga-

nização de desenho e texto em cada painel cria um *todo significativo encerrado*. Há uma separação, um vazio, marcado ou não por um branco da página, que mantém a configuração de cada painel sem conexão com as outras. [...] segundo o autor as palavras, linhas abstratas e indicações de movimento. pela HQ é a *justaposição espacial estática*, e desta surge a possibilidade de a narrativa da HQ transitar pelos domínios da poesia. Para relacionar esta compreensão básica das histórias em quadrinhos com a poesia, é necessário pensar primeiramente sobre o processo de conexão constitutiva entre duas ideias distintas a partir de um vazio textual, tema estudado por Wolfgang Iser no ensaio *A interação do texto com o leitor*. A partir das conclusões de Iser sobre a importância e o papel do vazio na construção de um texto artístico, e sua relação com as ideias de McCloud, a história em quadrinhos poderá ser analisada como potencial criadora de projeções interpretativas, e criadora de conectabilidade textual, através dos diferentes tipos de vazios textuais possibilitados por sua narrativa. (DUARTE, 2013)

Afora as implicações e imbricações reveladas pelas correspondências estruturais entre poesia e quadrinhos, devemos também levar em conta que o desenvolvimento dos gêneros em paralelo no século XX possibilitou também um diálogo temático – evidentemente ligado ao formal – e que enriqueceu mutuamente – poesia e quadrinhos – de motivos, perspectivas, modos de tratamento do texto e do sujeito, tipo de interlocução, aspectos e tonalidades do humor, etc.

Um outro exemplo interessante para análise são as adaptações/ criações da *Divina Comédia*, releitura da obra de Dante Alighieri. Analisando duas versões em quadrinhos podemos entender o quanto um processo de junção entre palavra e imagem pode se tornar criativo ou redutor, considerando, é claro, a generalização e os limites destas palavras. No primeiro caso, na obra de Seymour Chwast, *A Divina Comédia de Dante* (GHWAST, 2011), podemos notar que todo o aspecto presente no resultado final foi criado a partir de uma concepção matriz muito distante da concepção original. Texto e imagem são relidos e renovados, e não simplesmente glosados ou resumidos na mera alegoria de imagens ilustrativas.

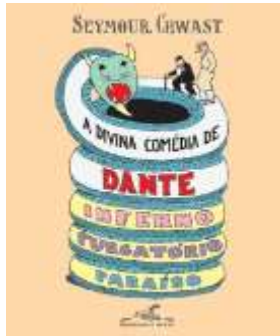


Figura 8¹³

Como podemos ver o release quase publicitário da obra, presente no site estilo blog temático www.puropop.com.br:

Muitos vão torcer o nariz para as ilustrações características do designer nova-iorquino e para o modo como conta a história nas páginas, ele praticamente abre mão dos quadros e, em muitos momentos, dos balões. Cada página pode ser considerada um pôster que continua a história contada no pôster anterior de forma extremamente criativa, direta e bem humorada. A HQ serve tanto para os já familiarizados com o poema épico quanto para aqueles que nunca o leram. A interpretação de Seymour para os versos é bastante interessante e o clima de filme dos anos 40 torna tudo mais leve ao leitor. Os diálogos, quando não tirados diretamente da obra original, são simples e até simplórios demais e, em alguns momentos, a história avança mais depressa do que deveria, te deixando com mais interrogações que exclamações e tornando alguns trechos fundamentais d'A Divina Comédia pouco compreendidas.¹⁴

Acostumados ao caráter empobrecedor da arte enquanto rém de mercado, aqui nos surpreendemos com um exemplo inverso, pois é justamente o apelo pop da obra a grande força de sua transformação. Ao invés da perda, o designer americano investe na intensificação do código como agente estético diretivo para a obra. O senão está calcado justamente na ambiguidade da expressão

¹³ Disponível em: <<http://www.puropop.com.br/destaques/2011/05/27/review-a-divina-comedia-de-dante-em-quadrinhos>>. Acesso em: 20-07-2013.

¹⁴ Texto release construído pela equipe de elaboração do site <<http://www.puropop.com.br/destaques/2011/05/27/review-a-divina-comedia-de-dante-em-quadrinhos>>.

pop, pois o que alavanca a obra para uma estilização inédita também a reduz quanto estabelecemos a comparação. O problema, entretanto, está justamente neste último quesito, pois parece ficar claro que o autor nega justamente o enlace com a obra original tornando a obra presente nunca um ajuste de contas, mas uma máquina de paródia/pastiche típica da *autonomia serial* da arte contemporânea.



Figura 9¹⁵



Figura 10¹⁶

¹⁵ Disponível em: <<http://www.puopop.com.br/destaques/2011/05/27/review-a-divina-comedia-de-dante-em-quadrinhos>>. Acesso em: 20-07-2013.

Já no outro exemplo, o labor estético fica restrito ao ilustrativo, como podemos ver na figura seguinte.

Neste caso, a escolha recaiu para que a imagem acompanhasse um texto já recortado, porém sem a junção de elementos transformadores. É o caso muito comum de adaptações literárias, em que a edição de a preocupação primeira como facilitadora da obra, dando acesso a leitores diversificados um texto literário geralmente clássico. Não temos aqui a preocupação do novo, mas da revisitação temática a partir de outro suporte, os quadrinhos.



Figura 11¹⁷

¹⁶ Disponível em: <<http://www.puopop.com.br/destaques/2011/05/27/review-a-divina-comedia-dante-em-quadrinhos>>. Acesso em: 20-07-2013.

¹⁷ Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticia=204386&id_secao=11>. Acesso em: 20-07-2013.

5. Considerações finais

Para finalizar, lembramos aqui que este novo leitor da literatura, e até mesmo a própria literatura, em suas múltiplas ressignificações requerem novos espaços de circulação e modos diferentes de relação com o texto e com a arte. Ressaltamos, pois, para finalizar, que talvez um dos grandes elementos de atração dos quadrinhos, e da poesia em quadrinhos, em seu uso centrado na imagem, é a possibilidade de participação do leitor, que explora nas ambiguidades da imagem os caminhos da composição participativa nos processos sociais da arte. Neste sentido, a poesia em quadrinhos aponta para um futuro em que a qualidade em obras de circulação depende muito do labor estético e da capacidade de criação de objetos interativos. Dois exemplos, no sentido da participação do leitor e a produção horizontal das obras de arte, chamam a atenção.

Os poemas em quadrinhos também funcionam na escola como aproximadores dos alunos com a arte. O cuidado é justamente não usar o gênero como facilitador de obrigações de leitura já previstas na escola, como se uma arte, somente pela aproximação temática, pudesse substituir uma outra. É justamente na singularização de cada objeto artístico, momento em que ele ganha autonomia em relação a uma a uma série produtiva da arte, que encontramos as possibilidades de entender a poesia em quadrinhos como uma nova forma de arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUSSATI, Dino. *Poema em quadrinhos*. São Paulo: Cosac e Naify, 2013.

COSTA, Marcelo Santos. *Gênio das HQs incompreendido* – Autor de Deserto dos Tártaros reconta mito inspirado de Orfeu. Disponível em:
<<http://revistaogrito.ne10.uol.com.br/page/blog/2010/12/09/poema-em-quadrinhos>>. Acesso em: 20-07-2013.

DAFLON, Claudete. Dos quadrinhos à poesia: a experimentação gráfico-visual. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Palavra e Imagem*, n. 44, p. 237-254, 2012.

DUARTE, Rafael Soares. *Algo, nada, algo*: poesia e história em quadrinhos. Disponível em:

<http://www.gelbc.com.br/pdf_jornada_2011/rafael_duarte.pdf>.

Acesso em: 20-07-2013.

LEITE, Sebastião Uchoa. *Jogos e enganos*. Rio de Janeiro: UFRJ/Editora 34, 1995.

McCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. Trad.: Hécio de Carvalho e Maria do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

PEREIRA JUNIOR, Luís Costa. Poesia em quadrinhos. *Revista Língua Portuguesa*. São Paulo: Segmento, abril de 2007.

GHWAST, Seymour. *A divina comédia de Dante*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.